

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

HANSEM, Elza do Carmo ¹
ehanssem@seed.pr.gov.br

LEVANDOVSKI, Ana Rita ²
anarita.faficop@yahoo.com.br

RESUMO

A avaliação da aprendizagem deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho. Logo, um instrumento para acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem do aluno e, bem como, diagnosticar seus resultados e atribuir um juízo de valor para a aferição da qualidade do seu resultado. A avaliação da aprendizagem deve estar relacionada a uma concepção de formação de homem reflexivo, crítico e com postura cidadã. Buscamos com este texto, contribuir para uma análise reflexiva, levando os professores à compreensão e à superação da discrepância entre a teoria e a prática observada no contexto escolar. Nossos propósitos visam uma perspectiva de avaliação da aprendizagem, contribuindo para o aperfeiçoamento e a tomada de consciência do professor como agente histórico-social, transformador da realidade social.

Palavra-chave: Avaliação diagnóstica no processo escolar. Ensino e aprendizagem. Formação docente. Formação cidadã.

ABSTRACT

The evaluation of learning must be understood as an aspect of education in which teacher studies and interprets the data of learning and his own work. Therefore, a tool to monitor and improve the process of student learning and as well as diagnose your results and assign a value judgments for evaluating the quality of its outcome. The evaluation of learning should be related to a conception of formation of reflective man, critic and citizen attitude. We seek with this text, contribute to a reflective analysis, leading teachers to understanding and overcome the discrepancy between theory and practice, in the school context. Our purpose designed a prospective evaluation of learning, contributing to the improvement and awareness of the teacher as an historical and social transformer of social reality.

Keyword: Diagnostic evaluation in the school. Teaching and learning. Teacher training. Civic education.

¹ Autora: Professora Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná, participante do Programa de Desenvolvimento Educacional em 2008/2009.

² Orientadora: Professora Mestre da UENP.CP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus Cornélio Procópio.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem concebida na escola investigada é focada no conteúdo curricular, sua prática pedagógica visa o cumprimento dos programas curriculares das disciplinas. Desta forma, o que se percebe é que tais práticas contribuem para a massificação do ensino. Não se planeja para cada aluno, mas para muitas turmas de alunos. Numa uma classe com 30 ou mais de 40 alunos, a avaliação da aprendizagem tem sido o resultado da reprodução dos conteúdos trabalhado pelo professor e não a sua real compreensão. E assim, a avaliação da aprendizagem é concebida e vivenciada em muitas escolas brasileiras, segundo várias pesquisas. Tem, ainda, se constituído no principal mecanismo de sustentação da lógica de organização do trabalho escolar e, portanto, legitimador do fracasso escolar, ocupando o papel central nas relações que estabelecem entre si os profissionais da educação.

Contudo, não há como ignorar a questão da avaliação no processo educativo, porque esta é considerada parte integrante de tal processo, imprescindível em qualquer proposta de educação.

Teoricamente a avaliação está ligada ao processo ensino e aprendizagem, porém, a prática pedagógica que conhecemos mostra claramente que a avaliação continua desvinculada neste processo.

Como afirmamos acima, a avaliação da aprendizagem no contexto escolar, muitas vezes se resume na ação de atribuir notas e conceitos, rotulando o aluno por meio de um atributo quantitativo, mensuráveis que não se concretiza como uma ação reflexiva teórico-prática, com indicativos importantes para que o professor redimensione sua prática pedagógica, repensando e replanejando sua atuação didática, visando aperfeiçoá-la. Portanto, é relevante ter presente uma avaliação consciente e contínua que leve o professor a uma visão ampla de como direcionar o aluno para novas habilidades nos campos da cultura e da vida em sociedade.

Conscientes da complexidade da ação de avaliar a aprendizagem escolar, busca-se com o presente texto, levar o professor à reflexão, ao entendimento e a novas possibilidades de redimensionar a avaliação no

processo de aprendizagem escolar, contribuindo para que a avaliação possa assumir realmente uma dimensão orientadora, que permita ao aluno tomar consciência de seus avanços e dificuldades para continuar progredindo na construção do próprio conhecimento. Pretende-se, portanto, a partir deste texto, que seja possível compreender perspectivas teóricas de autores como Luckesi (2005), Hoffman (2005), Saul (2005), Vasconcelos (2006), para assim compreender a avaliação dentro dos seus reais propósitos, que são os de contribuir para a aprendizagem e sucesso escolar do aluno.

Reconhecemos que o tema avaliação da aprendizagem tem sido exaustivamente discutido. Muitos professores dizem que a avaliação é assunto superado, no entanto, não consideram a avaliação como parte integrante do ensino e aprendizagem que visa a qualidade do desempenho escolar.

Poucos são os professores que praticam uma avaliação continua que leve o aluno a assimilar informações e utilizá-las em contextos adequados, servindo-se dos conhecimentos adquiridos para tomar decisões autônomas e socialmente relevantes. Utilizam-se das avaliações tradicionais que exigem a memorização de conteúdos, muitas vezes sem sentido, sem um significado real para o aluno, apenas reprodução do que foi transmitido pelo professor.

Cabe ainda ressaltar que é nosso objetivo mostrar aos professores, alunos e pais que é preciso mudar a concepção de que a nota é o que importa. O que importa na verdade é o ensino, a aprendizagem realmente efetivada. A avaliação tem função de diagnosticar aqueles pontos em que os alunos precisam enfatizar mais, portanto, deve acontecer durante o processo de ensino e aprendizagem e não somente ao final de um módulo ou bimestre como vem acontecendo no cotidiano escolar.

Para levar os professores a tal entendimento, procuramos durante a implementação do projeto de intervenção, Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, na escola investigada, através da leitura, análise e provocações crítica e coletiva, levar o professor à compreensão de avaliação como processo permanente da aprendizagem, dinâmico e transformador do contexto social, repercutindo para a mudança sobre a prática da avaliação.

2 BREVE RESGATE HISTÓRICO

Ao observar, no decorrer da história, os propósitos que deram origem e contribuíram para o desenvolvimento do processo de avaliação escolar, entendemos que é natural a pouca valorização da avaliação como meio para o aperfeiçoamento do ensino e da aprendizagem nos dias de hoje, já que seu propósito inicial tinha por finalidade classificar o aluno.

Historicamente, segundo Luckesi (2005), a avaliação tem sua origem na escola moderna com a prática de provas e exames que sistematizou-se a partir do século XVI e XVII, com a consolidação da sociedade burguesa. Essa prática estava alicerçada nas ameaças ao aluno e no autoritarismo docente.

Luckesi (2005) afirma ainda, que no século XVI a pedagogia jesuítica apesar do rigor nos procedimentos para um ensino eficiente, buscando a construção de uma hegemonia católica, tinha uma atenção especial com o ritual das provas e exames. Estes se caracterizavam por sessões solenes com formação de bancas examinadoras e comunicação pública dos resultados.

No século XVII, segundo o autor, a pedagogia comeniana, dá atenção à ação do professor como centro de interesse à educação, mas também utiliza os exames como forma de estímulo aos estudantes para o trabalho intelectual da aprendizagem. Nessa pedagogia comeniana, o que predomina é a nota; não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. Considerando ainda que, segundo Luckesi (2005), exames e provas são realizados como se nada tivesse a ver com o percurso ativo do processo de ensino e aprendizagem. E com o surgimento da burguesia, a pedagogia tradicional emergiu e se cristalizou, aperfeiçoando seus mecanismos de controle e classificação, destacando-se a seletividade escolar e seus processos de formação das personalidades dos educandos.

A partir dos anos 60, o enfoque avaliativo de Tyler (1949), caracterizado e conhecido como avaliação por objetivos, resume o processo avaliativo à verificação das mudanças ocorridas, previamente delineada em objetivos definidos pelo professor. Essa proposta passou a ser referencial teórico, sedimentada fortemente na ação das escolas e universidades, em documentos de órgãos oficiais da educação na área da avaliação.

A avaliação da aprendizagem, definida como uma das dimensões do papel do professor transformou-se numa verdadeira arma, em um instrumento de controle. “Muitos professores passaram a utilizar as provas como instrumento de ameaça e tortura prévia aos alunos, alegando ser um elemento motivador da aprendizagem”, (LUCKESI, 2005, p. 18). A presença de uma avaliação autoritária no contexto da avaliação, não se dá apenas no âmbito da avaliação da aprendizagem, quando interagem professores e alunos, essa mesma relação também está presente, de modo geral, quando se persegue outros alvos de avaliação como, por exemplo: currículo, programas educacionais, cursos e instituições. Portanto, o autoritarismo da avaliação emerge do próprio planejamento do ensino que se efetiva, da educação infantil à universidade, sem a reflexão necessária sobre o significado das propostas pedagógicas desenvolvidas.

A tentativa de quebrar esse circuito e progredir rumo às propostas de avaliação numa abordagem qualitativa, somente começou a ser evidenciada, timidamente, nas produções acadêmicas a partir de 1978 (SAUL, 2006). Porém, a prática de avaliação da aprendizagem que vem sendo desenvolvida atualmente, nas nossas instituições de ensino, nos remete a uma posição de poucos avanços. Cabe considerar que a avaliação não tem sido utilizada como elemento que auxilie no processo ensino e aprendizagem, perdendo-se em mensurar e quantificar o saber, como se isso fosse possível, deixando de identificar e estimular os potenciais individuais e coletivos.

3 PROPOSTA DE UMA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Após esta breve reflexão a respeito da origem da avaliação e buscando compreender o processo avaliativo no ensino, procuramos conceitos atuais que pudessem nortear o nosso entendimento. Deparamo-nos com uma diversidade de opiniões, uma vez que o significado de avaliação está relacionado com o modelo político pedagógico vigente.

A avaliação, frente à nova Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), nº 9.394/96, significa apropriar-se do saber. Surge um novo olhar sobre a avaliação, de uma mudança do eixo de ensinar para o aprender. Sob este

olhar, a avaliação hoje é tida com o sentido de acompanhamento e verificação de como está o aluno naquele momento, visto que o diagnóstico do desempenho do aluno contribui para que o professor reconheça níveis cognitivos de conhecimento em que o aluno se encontra e se os objetivos foram ou não atingidos. A avaliação é individual e ainda, deve ser calcada nos objetivos e não em notas. É fundamental que se tenha uma visão sobre o aluno como um ser social, cultural e político, em conformidade com o senso crítico, sujeito de seu próprio conhecimento.

As propostas curriculares atuais, bem como a legislação vigente, primam por conceder uma grande importância à avaliação, reiterando que ela deva ser contínua, formativa e diagnóstica, concebendo-a como mais um elemento do processo ensino e aprendizagem, o qual nos permite conhecer o resultado de nossas ações didáticas e, por conseguinte, melhorá-la.

Essas ideias, presentes na teoria e no discurso formal de muitos professores, precisam, porém, concretizarem-se para modificar as práticas cotidianas para uma direção inovadora que traga um aumento da qualidade do ensino.

Nesse sentido, faz-se necessário uma reflexão mais profunda sobre a prática avaliativa, subsidiada pelo diálogo com diferentes autores, pesquisadores sobre a temática da avaliação, que possam iluminar as práticas avaliativas existente na escola com vistas a redefinir as práticas habituais, que conscientes ou inconscientemente se caracterizam como práticas punitivas e freidoras do processo ensino e aprendizagem.

A forma de avaliar, segundo Luckesi (2005), é crucial para a concretização do projeto educacional. É ela que sinaliza aos alunos o que o professor e a escola valorizam. A avaliação é parte integrante do processo ensino e aprendizagem e ganhou na atualidade espaço muito amplo nos processos de ensino. Requer preparo técnico e grande capacidade de observação dos profissionais envolvidos.

Nesse contexto, a avaliação educacional deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o desenvolvimento, não a estagnação disciplinadora.

Segundo Hoffmann (2005), avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente

do professor, e este deve propiciar ao aluno em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas. Neste sentido, podemos entender a avaliação como uma ação provocativa do professor, desafiando o aluno a refletir sobre as experiências vividas, a formular e reformular hipóteses, direcionando para um saber enriquecido.

Portanto, o importante é estabelecer um diagnóstico adequado para cada aluno e identificar as possíveis causas de seus fracassos ou dificuldades, visando uma maior qualificação e não somente uma quantificação da aprendizagem. A avaliação contribuindo para o desenvolvimento das capacidades dos alunos, pode-se dizer que ela se converte em uma ferramenta pedagógica, em um elemento que melhora a aprendizagem do aluno e a qualidade do ensino.

Segundo Vasconcelos (2006), “a partir de uma concepção dialética de educação, supera-se tanto o sujeito passivo de educação tradicional, quanto o sujeito ativo da educação nova, em direção ao sujeito interativo” (p. 58). No ponto de vista do autor, a partir de uma concepção dialética o professor tem resgatado seu papel substancial, pois não fica na posição de esperar o aluno amadurecer, mas pode ajudá-lo pela interação.

Para este autor, a principal finalidade da avaliação no processo escolar é ajudar a garantir a formação integral do sujeito pela mediação da efetiva construção do conhecimento, a aprendizagem por parte de todos os alunos.

Vasconcelos (2006), nos revela ainda, que o maior problema que afeta os professores em geral é a distância entre a teoria e a prática. Além disso, a avaliação muitas vezes acaba desempenhando na prática, um papel mais político que pedagógico. Deixa de ser usada como recurso metodológico de reorientação do processo ensino e aprendizagem, para ser usada como instrumento de poder, de controle, tanto por parte do sistema social, da escola, pelo professor, quanto pelos próprios pais.

O uso da avaliação como forma de pressão decorre da tentativa de contornar o problema disciplinar que por sua vez é gerada devido a inadequação da proposta de trabalho do professor e da escola. Neste sentido, para que se dê um novo rumo à avaliação é necessário o resgate da sua

função diagnóstica, ou seja, a avaliação da aprendizagem deverá ser um instrumento dialético do avanço, um instrumento de identificação de novos rumos para a aprendizagem. Enfim, como afirma Luckesi (2005), “a avaliação terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem percorridos” (p. 43). Para este autor a transposição da prática avaliativa classificatória para diagnóstica, apresenta-se como aspecto facilitador da democratização do ensino.

Para que a avaliação sirva à democratização do ensino será necessário modificar a sua utilização de classificatória para diagnóstica. O que significa entender a avaliação como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que o aluno se encontra, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Isto é, a função da avaliação será possibilitar ao professor, condições de compreensão do estágio de desenvolvimento do aluno para avançar em termos dos conhecimentos necessários, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem.

Segundo Luckesi (2005), para que a avaliação diagnóstica seja possível é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica histórico-crítica, uma vez que esta concepção está preocupada com a perspectiva de que o aluno deverá apropriar-se criticamente de conhecimentos e habilidades para sua realização como sujeito crítico, dentro desta sociedade que se caracteriza pelo modo capitalista de produção. Portanto, a avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de forma isolada, é necessário a sua articulação com uma concepção pedagógica progressista. Este é o princípio básico e fundamental para que ela venha a ser diagnóstica, visto que esse processo quer antes de tudo, provocar o senso crítico dos alunos, para que ao se apropriarem dos conhecimentos, não haja uma simples assimilação, mas sim um desenvolvimento de habilidades necessárias à sua realização como sujeito crítico frente à realidade social.

Porém, esse processo de mudança da avaliação classificatória para a avaliação diagnóstica não é tão simples quanto parece ser, visto que é preciso compreendê-lo e realizá-lo a partir de uma concepção pedagógica e, assim sendo, não colocá-lo como único fator determinante para a aprovação ou reprovação, mas como auxiliar do processo como um todo. Desse modo pode-

se, então, entender a avaliação diagnóstica como articuladora dos demais princípios da avaliação, tais como: proposição da avaliação e suas funções, elaboração, utilização de instrumentos avaliativos, leitura dos resultados obtidos e utilização desses dados.

Dessa forma pressupõe que os dados coletados por meios de instrumentos sejam lidos com rigor científico tendo por objetivo não a aprovação ou a reprovação dos alunos, mas uma compreensão adequada do processo de aprendizagem do aluno.

colocando em prática os ditames da perspectiva diagnóstica da avaliação, de certa maneira estaríamos instrumentalizados para superar prática indevida e autoritária que vem atravessando de forma antidemocrática, as atividades de avaliação da aprendizagem escolar (LUCKESI, 2005, p. 84)

Para Luckesi (2005), a avaliação é um juízo de qualidade sobre os dados relevantes para uma tomada de decisão. Ou seja, não há avaliação se ela não trazer um diagnóstico que contribua para melhorar a aprendizagem. Assim, podemos entender a proposta que nos faz Luckesi, ofertar a avaliação diagnóstica é um passo a ser dado para que se possa vencer o atual sistema avaliativo que, como vimos anteriormente, é certamente antidemocrático.

Segundo Hoffmann (2005) é urgente encaminhar a avaliação, a partir da efetiva relação professor e aluno, em benefício da educação do nosso país, contrapondo-se à concepção sentenciosa e autoritária, grande responsável pelo processo de eliminação de crianças e jovens da escola. As mudanças em avaliação vêm ocorrendo como decorrência da exclusão de milhares de crianças e jovens, precocemente, porque a escola tradicional, elitista e classificatória não deu conta de oportunizar que todos aprendessem como poderiam se tivesse oportunidade reais de aprendizagem. “Insistir na reprovação e nas práticas tradicionais de avaliação, viajando na contramão da evolução teórica em educação, como solução para problemas que são políticos e administrativos é, no mínimo, cruel e antiético” (HOFFMANN, 2005, p. 60).

Mostramos aqui, uma análise acerca das ideias de alguns autores que convergem para a compreensão de uma avaliação a favor da democratização do ensino. Porém, não existe fórmula pronta para que o professor realize uma boa avaliação, se são dadas diretrizes claras, o professor

pode construir o seu caminho. Esses recursos para realização da avaliação, devem ser, além de diversificados, democráticos, relevantes, significativos e rigorosamente construído. Diversificando os instrumentos é possível abranger muitas facetas do desempenho do aluno. Para que seja produtiva, a avaliação deve ser um processo dialógico, interativo, que visa fazer do indivíduo um ser melhor, mais criativo, mais autônomo, mais participativo.

A avaliação da aprendizagem precisa levar a uma ação transformadora e também com o sentido de promoção social, de coletividade e de humanização. Enfim, enquanto instituição, o que se espera da escola é que possa colaborar na formação do cidadão pela mediação do conhecimento científico, estético, filosófico. Como Vasconcelos (2006), acreditamos que “o conhecimento não tem sentido em si mesmo: deve ajudar a conhecer o mundo e a nele intervir” (p. 57).

Portanto, entendemos que a principal finalidade da avaliação no processo escolar é contribuir para a garantia da formação integral do sujeito pela mediação da efetiva construção do conhecimento. No entanto, infelizmente, por nossas experiências, histórico-sociais e pessoais, entre estas, a formação escolar, temos dificuldades em assim compreendê-la e praticá-la.

O professor que quer superar as contradições da avaliação, precisa a partir de uma autocrítica, abrir mão do uso autoritário da avaliação que o sistema lhe faculta. Deve rever a metodologia de trabalho em sala de aula, redimensionar o uso da avaliação, tanto do ponto de vista da forma, como do conteúdo, pois não se pode conceber uma avaliação reflexiva, crítica e emancipatória num processo de ensino passivo, transmissor e reproduzidor de informações.

4 EM BUSCA DE ALTERNATIVAS PARA MUDANÇAS DA PRÁTICA DOCENTE EM AVALIAÇÃO

Visando contemplar o desenvolvimento de estratégias pedagógicas, com a finalidade de levar os professores da escola investigada à compreensão da avaliação, tornando-a real como instrumento de diagnóstico e acompanhamento do processo ensino e aprendizagem, buscamos através da leitura, novos entendimentos e novas possibilidades para redimensionar a

avaliação. Contribuindo para que os professores possam assumir realmente uma dimensão orientadora, que permita ao aluno tomar consciência de seus avanços e dificuldades para continuar progredindo na construção do próprio conhecimento.

A maioria dos professores da escola investigada, considera a avaliação da aprendizagem como uma simples tarefa geradora de notas, baseadas numa simples “prova” ou num “trabalho” realizado, cujos resultados serão utilizados como decisão para aprovar ou reprovar o aluno. A prática da avaliação no cotidiano escolar como fator de funcionalidade do ato de avaliar a aprendizagem, para classificar o aluno por nota e não de diagnosticar suas dificuldades e aprendizagens, nos leva a entendermos que a mudança que se pode pensar em alterar uma estrutura avaliativa da aprendizagem classificatória é considerar o processo avaliativo como parte integrante do processo educativo. Possibilitando condições para se analisar a maneira de atribuir notas ou conceitos que venham identificar a real aprendizagem do aluno.

Para que houvesse tal entendimento, proporcionamos aos professores da escola, foco deste trabalho, espaços para estudos através de pequenos grupos de professores, nos momentos oferecidos pela escola, como: hora atividade, reuniões pedagógicas e também em horários alternativos, procurando desenvolver a prática reflexiva sobre a ação pedagógica na avaliação da aprendizagem do aluno, com a intenção de levá-los a entender a avaliação como instrumento de investigação diagnóstica, contínua e cumulativa. Ação necessária para se chegar a uma aprendizagem eficaz, mostrando ao professor que o importante é observar o comportamento pedagógico de nosso aluno, não só a mensuração tradicional de verificação quantitativa e classificatória de nota, mas em contextos que envolvam a aprendizagem.

Buscamos ainda, nesta ação-reflexão-ação, instigar o professor a repensar a ação de avaliar, estabelecendo relação da prática pedagógica com a teoria, principalmente com a estabelecida do Projeto Político Pedagógico da escola, foco deste trabalho.

A primeira questão colocada em discussão, foi relativamente aos objetivos da educação escolar, pois deles é que derivarão os critérios de

análises do aproveitamento do aluno. A avaliação educacional no Projeto Pedagógico da Instituição, está relacionada a uma concepção de homem, de sociedade, ou seja, que tipo de homem e de sociedade queremos formar. É justamente aqui que paramos para refletirmos um pouco, pois deparamos com uma distorção: a distância entre o discurso e a prática, em função da alienação que perpassa nossas relações sociais. De modo geral, não se percebe a discrepância entre a proposta de educação e a prática efetiva. Em parte, isto ocorre em função de uma prática de planejamento meramente formal e não praticada, o que faz com que os professores simplesmente “esqueçam” quais foram os objetivos propostos.

Para tanto, o planejamento da ação docente necessita ser precedido de um Projeto Político Pedagógico que definirá os objetivos políticos da ação com as linhas mestras a serem seguidas e de um Planejamento Curricular Institucional, que dimensionará os conteúdos socioculturais que serão transmitidos e assimilados pelos alunos de forma que possibilitem atingir os objetivos pedagógicos que se tenha estabelecido e, conseqüentemente, favoreça o seu desenvolvimento cognitivo.

Evidentemente, o sentido dado pelo professor à avaliação está intimamente relacionado à sua concepção de educação: o professor tem como postura frente ao ensino e à avaliação a concepção de transmissor ou educador. Como transmissor, ele tem como tarefa de transmitir e examinar se o aluno assimilou o transmitido, usando como forma de controle, o autoritarismo. Podendo excluir parte dos alunos por basear-se no julgamento. Enquanto que como educador, sua tarefa seria a de ensinar para que o aluno aprenda. Utiliza-se da avaliação como acompanhamento (diagnóstico), para ajudá-lo na efetivação da aprendizagem, por oferecer-lhe condições de encontrar o caminho para obter melhores resultados na aprendizagem.

Na visão de Hoffmann (2005), o significado da avaliação na escola, alcança um significado próprio e universal, muito diferente do sentido que se atribui essa palavra no nosso dia-a-dia. Percebe-se o aluno sendo observado apenas em situações programadas, como por exemplo: dia de prova, dia de entregar boletim, etc. Num espaço característico e artificial (alunos separados e enfileirados, provas em papel timbrado, professores vigilantes), com gosto de dever cumprido. Para professores e alunos, pais e sociedade, a avaliação é

obrigação: penosa, porém, um mal necessário. Isto acontece porque, através da formalização do processo, perdeu-se o bom senso em relação ao significado da avaliação.

Entendemos que, se os procedimentos da avaliação estivessem articulados com o processo de ensino e aprendizagem propriamente dito, não haveria a possibilidade de dispor-se deles aleatoriamente. Estariam articulados com os procedimentos de ensino e não poderiam conduzir a avaliação de forma arbitrária como vem sendo conduzida no cotidiano escolar. No caso, a avaliação está muito mais articulada com a reprovação do que com a aprovação, assim sendo, essa prática exclui uma parte dos alunos e admite outros como “aceitos”. Manifestando-se como uma prática seletiva do aluno no contexto escolar. Contribuindo também para a seletividade social.

Para Luckesi (2005), podemos dizer que a avaliação, por si, é acolhedora e harmônica, como o círculo é acolhedor e harmônico. Quando chamamos alguém para dentro de nosso círculo de amigos, estamos acolhendo-o. Avaliar um aluno com dificuldades é criar a base do modo de como incluí-lo dentro do círculo da aprendizagem, isto é, este aluno deverá ser cuidado para vir a aprender e a desenvolver-se.

Pensando em inverter a hierarquia tradicional de uma avaliação classificatória para uma avaliação diagnóstica, apresentamos aos professores, textos para estudos e reflexão, numa tentativa de alertá-los sobre a necessidade de esclarecimentos sobre as contradições em avaliação e contribuir para a o aprimoramento de sua formação pedagógica.

Estes estudos sobre a avaliação da aprendizagem, constituíram-se em momentos de grande importância para implementação das ações previstas no Projeto de Intervenção Pedagógica, tendo em vista que a implementação é uma das atividades desenvolvidas pelo professor PDE ao longo do programa. Esse Projeto visa contemplar o desenvolvimento de estratégias pedagógicas para atender as dificuldades diagnosticadas pelo professor em seu espaço específico, na escola. Foi fundamental para garantir a sua efetiva contribuição nesse processo de intervenção, nas práticas avaliativas de nossos professores. Conforme relataremos a seguir.

Com base nos relatos de professores que participaram da implementação, selecionamos alguns, apenas cinco relatos, pela inviabilidade

de relatar todos num artigo deste porte. Os relatos serão nominados pelas iniciais das disciplinas ministradas pelos professores (LP; LI; A; CEM e M).

Os trechos a seguir foram extraídos dos relatos selecionados que vem comprovar a importância e o resultado positivo desses momentos e sua contribuição para a mudança da prática docente em avaliação. Os relatos revelam que após as análises, reflexões e provocações crítica e coletiva de textos apresentados para estudo, a avaliação da aprendizagem passou a ser entendida como uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico. Através de análises e entendimentos que apresentaremos, teremos oportunidades de identificar que a avaliação da aprendizagem escolar será autoritária, estando a serviço de uma pedagogia conservadora. Querendo estar atenta à transformação, terá de ser democrática e a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação da sociedade.

Segundo nossas observações, confirmadas pelo relato da professora (LP), pode-se afirmar que a avaliação da aprendizagem em nossa escola está a serviço de uma pedagogia conservadora, pois, tem servido para classificar e definir o destino dos alunos de acordo com as normas escolares.

A professora (LP) relata que:

Uma das maiores preocupações da referida escola, hoje, é a avaliação da aprendizagem, pois na maioria das vezes é utilizada com a finalidade de classificar, permitindo separar os alunos pelo grau de conhecimento que cada um detém, devido a uma interpretação e utilização errônea sobre a avaliação da aprendizagem, ainda, por muitos professores. Porém, os momentos de reflexões, levou-me ao entendimento que a avaliação deve ser utilizada para verificar e interpretar a aprendizagem do aluno e a partir dessa interpretação, fazer as intervenções necessárias para que a aprendizagem realmente se efetive .

De acordo com Luckesi (1984), a avaliação que se pratica na escola é a avaliação da culpa. Aponta, ainda, que as notas são usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, onde são comparados desempenhos e não objetivos que se deseja atingir.

Para Hoffmann (2000), a postura avaliativa tradicional, que classifica os alunos ao final de períodos em aprovados e reprovados, se opõe a um significado de comprometimento do professor, para melhoria do aprendizado deste aluno e com seu repensar pedagógico.

A professora (LI) demonstra através de seu relato, ter compreendido que para modificar a forma de avaliar implica na reformulação do processo didático-pedagógico, deslocando também a ideia da avaliação do ensino para a avaliação da aprendizagem. Afirma que:

Passou a compreender a avaliação da aprendizagem como um processo natural e contínuo, para que o professor possa interpretar dificuldades e a aprendizagem do aluno, assim como, para adequar sua metodologia. Nesse sentido, entendo que, a avaliação deve ser encarada com mais um elemento de motivação do processo ensino aprendizagem, para que o aluno possa construir seu conhecimento.

A professora (A) também contribuiu com seu relato, demonstrando compreensão de que a função principal da avaliação da aprendizagem é ajudar o aluno a aprender e ao professor a ensinar:

Nos encontros para estudos, pude perceber a importância do professor dentro da sala de aula, e com isso, estou conseguindo melhorar minhas práticas pedagógicas em avaliação. Através de atividades relevantes e diferenciadas, estou conseguindo obter melhores resultados em alunos que se julgava sem potencial. Portanto, considero a participação do aluno na elaboração de suas atividades e sua real aprendizagem. Entendo que, o sucesso do aluno depende muito do professor, ou melhor, o professor pode transformar seu aluno, no sentido de fazê-lo aprender mais e melhor, alcançando assim excelentes resultados.

A professora (CEM) fala da necessidade de estudos constantes relacionados a avaliação, se quisermos realmente mudar nossa prática em sala de aula:

Através de estudos de textos previamente selecionados sobre avaliação da aprendizagem, percebo que ora trabalho na proposta conservadora, ora trabalho dentro da concepção histórico-crítica, portanto, faz se necessário que estejamos sempre refletindo através de estudos direcionados para questões sobre avaliação se quisermos realmente mudar nossa prática pedagógica.

Mudar será a palavra chave para o professor que queira construir um novo horizonte para seus alunos, no sentido de uma aprendizagem mais eficaz, de maneira que o aluno consiga uma “bagagem” de conhecimentos suficientes para o desempenho de suas atividades profissionais, como também na sua própria vida.

A resistência à mudança não é um comportamento que se observa apenas nos professores, porque a sociedade vem se manifestando no mesmo sentido, ou seja, reagindo quando se fala em abolir o sistema tradicional de realização de provas obrigatórias, atribuição de notas e conceitos periodicamente, para aprovar ou reprovar o aluno. Se formos analisar historicamente, percebemos que o sistema tradicional cristalizou-se de certa forma que, nem as críticas de teóricos e estudiosos em avaliação da aprendizagem e os modelos contemporâneos não foram decisivos para a derrubada dessa concepção. Tendo em vista que sua raiz está ligada a objetivos que não são, na verdade, pedagógicos, mas político. É por isso, inclusive, que é tão difícil reverter este quadro, pois suas raízes estão fora da escola, na lógica social, desumana e seletiva.

O período de implementação na escola, foram momentos de grande oportunidade para refletirmos sobre o processo de avaliação, ensino e aprendizagem, pois é um assunto que se vem discutindo já há algum tempo, e sempre traz para os educadores grandes preocupações, conforme relata a professora (M):

Há quatorze anos sou professora, mas não entendia a finalidade da avaliação, isto é, o que avaliar, e para que avaliar. Através de leituras e reflexão de textos de conceituados autores, sobre o tema “avaliação da aprendizagem”, percebi que a avaliação deve ser utilizada para construir o conhecimento do aluno, como também para o professor modificar e adequar suas metodologias, revendo sua prática pedagógica. Entendi que os instrumentos avaliativos devem ser interpretados, conteúdos devem ser retomados e, que em todo momento posso estar avaliando a aprendizagem de meus alunos. Posso afirmar então, que agora estou avaliando com mais segurança, estou vendo meus alunos com outro olhar.

Nossa intenção foi desvelar possibilidades de fazer a diferença na escola, não importando os obstáculos, pois da mesma forma que muitos professores passaram a demonstrar compreensão de uma avaliação mais justa e democrática, ainda existem manifestações cotidianas nas falas dos professores que denotam não estarem preocupados com a efetiva aprendizagem e com o desenvolvimento dos alunos. Outros professores cumprem seu papel mecanicamente, sem investir o necessário para que os resultados de sua atividade sejam significativos. Infelizmente, tais professores permanecem rigidamente em suas posturas, apesar de terem acompanhado

todas as discussões e estudos realizados durante a implementação do projeto. Postura essa, que indica uma defasagem no entendimento e na compreensão sobre avaliação dentro de um encaminhamento político e decisório, a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

Acreditamos que, se apenas esperarmos pelas mudanças nada acontecerá, é preciso querer, para começar a mudar. Se nós professores, não podemos dar conta de problemas sociais que muitas vezes impedem nossos alunos ao acesso e permanência à escola, podemos dar conta de um trabalho educativo significativo para aqueles que nela tem acesso. Trabalho esse que, se for de boa qualidade, será um fator coadjuvante de permanência dos alunos dentro do processo de aquisição do saber e conseqüentemente dentro do processo de democratização da sociedade. No entanto, quanto pior for o exercício de nosso trabalho, menores serão as possibilidades de que os alunos de hoje, venham a ser cidadãos dignos de amanhã, com capacidade de compreensão crítica do mundo em que vive.

Quando se toma consciência de algo, quando se entende uma questão em profundidade, em sua essência, destacando o que é relevante dentre o que pode ser visto e sentido, não há com ficar de fora. Portanto, nosso compromisso com a escola investigada, não se encerrará com a entrega deste artigo. Pretendemos continuar a fazer a diferença na escola. Insistiremos na conscientização dos professores, através de estudos e reflexões sobre o tema abordado neste projeto e, conseqüentemente à modificar a postura do professor frente a avaliação da aprendizagem e sua prática docente.

Esta implementação, teve como objetivo geral desenvolver no professor, a prática reflexiva sobre a ação pedagógica na avaliação da aprendizagem do aluno, como o reconhecimento da necessidade de melhorias no processo para maior qualidade do ensino e da aprendizagem. Buscamos ainda, nesta ação-reflexão-ação, instigar o professor a tomada de decisão em prol do seu aperfeiçoamento profissional.

Constatamos através dos relatos apresentados, a receptividade do professor em relação ao tema abordado. Mesmo num curto período de tempo, observamos uma grande mudança na postura do professor, na sua prática docente e na efetivação da aprendizagem do aluno.

Porém, entendemos que as mudanças não ocorrem de um dia para

o outro. O resgate do cotidiano, em avaliação, exige, espaço, tempo, para que o professor possa refletir, para expressar livremente suas ideias, para relatar sobre sua prática docente e para analisar teoricamente situações vividas.

Proporcionar esses momentos para estudo e reflexão, significa favorecer oportunidades de trocar ideias e discutir o seu cotidiano com outros colegas, de forma a repensar suas ações e entendê-las

Se somarmos os esforços, discutirmos diferentes alternativas, será menos sofrida a nossa ousadia de mudança. Posturas de abertura dos grupos às discussões, pressupõem fundamentalmente o respeito aos professores na condução dos trabalhos. Significa compreendê-los em sua forma de perceber a avaliação, através das situações vividas, de sua formação pessoal e profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da aprendizagem escolar, se faz presente na vida de todos nós, que de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas. Pais, professores, alunos, gestores das atividades educativas públicas e particulares, administradores da educação, todos estamos comprometidos com esse fenômeno que cada vez mais ocupa espaço em nossas preocupações educativas.

Porém, temos observado, que o uso da avaliação da aprendizagem, é uma questão bastante séria, uma vez que o professor é o responsável pelo planejamento de testes ou atividades que lhe permitam avaliar o aluno. Portanto, a reflexão no plano epistemológico é que permitirá ao professor, perceber que os instrumentos de avaliação precisam ser elaborados de outra forma, como elementos que os auxiliem a delinear suas estratégias pedagógicas para a melhoria da aprendizagem.

O educador, que deseja que sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação, deverá estar marcado por objetivos claros e explícitos, sabendo onde deseja chegar. A avaliação neste contexto não se resume em

uma ação mecânica. Ao contrário, terá que ser pensada dentro de um encaminhamento político, a favor da democratização do ensino.

A implementação, portanto, foi de grande relevância para a mudança da prática avaliativa dos profissionais da educação da escola em questão, proporcionando uma educação que prima por mais qualidade do processo ensino e aprendizagem. Podemos afirmar que através da implementação do Projeto PDE, iniciou-se uma grande mudança na “Concepção de Avaliação” da referida escola, refletindo positivamente na prática do professor e na qualidade do ensino, contribuindo para a efetivação da aprendizagem.

No caso deste texto, compreendemos e expomos a avaliação da aprendizagem como um recurso pedagógico útil e necessário, para auxiliar professores e alunos na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida. Portanto, sugerimos que analisem o presente texto, que reflitam sobre a prática avaliativa no seu cotidiano escolar, que invistam seriamente nos processos de discussão, de leitura, de reconstrução das práticas avaliativas, se quiserem realmente alcançar mudanças significativas.

REFERÊNCIAS

HOFFMANN, Jussara M. Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista.** – Porto Alegre: Mediação, 2005, 35. ed. Revista . 104 p.

_____. **O jogo do Contrário em Avaliação/ Jussara Hoffmann** _ Porto Alegre: Mediação, 2005 192p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação educacional escolar; para além do autoritarismo, Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro. ABT, 13 (61): 6-5, nov./dez., 1984.**

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições.** 17 ed. São Paulo; Cortez, 2005.

NISKER, Arnaldo LDB – **A nova lei da educação: uma visão crítica.** 6 ed. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 1996.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória: desafios à teorias e a prática de avaliação e reformulação do currículo.** 7. ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

TYLER, R. W. **Basic of curriculun and instruction.** Chicago, The University of Chicago, 1949.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção Dialética – libertadora do processo de avaliação escolar.** 16 ed. São Paulo: Libertad, 2006.